



A crônica brasileira contemporânea em tempos de pandemia

Contemporary Brazilian chronicles in times of pandemic

La Crónica brasileña contemporánea en tiempos de pandemia

Jaqueline Perão da Silva¹
Jaison Luís Crestani²

RESUMO:

Este trabalho propõe analisar as manifestações da crônica contemporânea brasileira em tempos de pandemia. Para tanto, selecionou-se como objeto de estudo a obra *Crônicas da pandemia*, de José Carlos Freire, publicada em 2021. A obra é dividida em suas partes; na primeira, reúnem-se crônicas mais antigas, sobre assuntos diversos, produzidas pelo autor. Na segunda parte, Freire recolheu um conjunto de textos que versam sobre a mesma temática: o contexto da pandemia do Covid-19. Essa segunda parte do livro foi publicada originalmente no jornal *Diário Tribuna*, da cidade de Teófilo Otoni, no interior de Minas Gerais. É esse segundo conjunto de textos que interessa mais diretamente a este trabalho. Assim, propõe-se analisar esse conjunto de crônicas com o objetivo de averiguar como o autor exercita as características múltiplas e variadas do gênero na elaboração dos textos que compõem o livro. Para tanto, desenvolveu-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa para definir o conceito de crônica, bem como as principais características textuais que o gênero assumiu ao longo de sua tradição. Em um segundo momento, investiu-se na análise das condições de produção que o autor teve ao seu dispor quando da publicação dos textos no jornal mineiro. Por fim, foram analisados os textos que formam a segunda parte da obra, com o intuito de averiguar as principais temáticas abordadas e a forma de elaboração que o gênero assume sob o comando de José Carlos Freire. Em suma, sem perder a leveza e aparente despreensão típicas do gênero, essas *crônicas da pandemia* traçam reflexões bastante aprofundadas sobre problemáticas sociais e questões existenciais que afetaram os brasileiros nesse período tão complicado da nossa história.

Palavras-chave: Crônica. Covid-19. Literature. Filosofia.

ABSTRACT:

This paper proposes to analyze the manifestations of contemporary Brazilian chronicles in times of pandemic. To do so, we selected as object of study the work *Chronicles of the pandemic*, by José Carlos Freire, published in 2021. The work is divided into two parts; the first part gathers older chronicles on different subjects produced by the author. In the second part, Freire collected a set of texts that deal with the same theme: the context of the Covid-19

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Letras e Pós-Graduada em Linguagens Híbridas e Educação do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas. E-mail: jaquelineperao0@gmail.com

² Mestre e Doutor em Literatura Brasileira pela UNESP, Campus de Assis. Pós-Doutor em Jornalismo e Editoração pela ECA-USP. Professor do Colegiado de Letras do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas. E-mail: jaison.crestani@ifpr.edu.br.

pandemic. This second part of the book was originally published in the newspaper *Diário Tribuna*, from the city of Teófilo Otoni, in the interior of Minas Gerais. It is this second set of texts that is of more direct interest to this work. Thus, this work proposes to analyze this set of chronicles in order to investigate how the author exercises the multiple and varied characteristics of the genre in the elaboration of the texts that make up the book. To do so, we initially developed a qualitative bibliographic research to define the concept of chronicle, as well as the main textual characteristics that the genre has assumed throughout its tradition. In a second moment, we invested in the analysis of the conditions of production that the author had at his disposal when publishing the texts in the newspaper of Minas Gerais. Finally, we analyzed the texts that make up the second part of the work is made, in order to investigate the main themes addressed and the way of elaboration that the genre assumes under the command of José Carlos Freire. In this sense, it can be concluded that, without losing the lightness and apparent unpretentiousness typical of the genre, these chronicles of the pandemic trace very deep reflections on social problems and existential issues that affected Brazilians in this very complicated period of our history.

Keywords: Chronicle. Covid-19. Literature. Philosophy.

RESUMEN:

Este trabajo propone analizar las manifestaciones de la crónica contemporánea brasileña en tiempos de pandemia. Para esto, se seleccionó como objeto de estudio la obra *Crónicas de la pandemia*, de José Carlos Freire, publicada en 2021. La obra está dividida en dos partes; en la primera, se reúnen crónicas más antiguas, sobre temas diversos, producidas por el autor. En la segunda parte, Freire recopiló un conjunto de textos que abordan una misma temática: el contexto de la pandemia del Covid-19. Esta segunda parte del libro fue publicada originalmente en el periódico *Diário Tribuna*, de la ciudad de Teófilo Otoni, en el interior de Minas Gerais. Es este segundo conjunto de textos el que interesa más directamente a este trabajo. Así, se propone analizar este conjunto de crónicas con el objetivo de indagar cómo el autor ejercita las características múltiples y variadas del género en la elaboración de los textos que componen el libro. Para esto, se desarrolló, en un primer momento, una investigación bibliográfica de carácter cualitativo para definir el concepto de crónica, así como las principales características textuales que el género asumió a lo largo de su tradición. En un segundo momento, fueron analizadas las condiciones de producción de que dispuso el autor al momento de la publicación de los textos en el periódico minero. Finalmente, se analizaron los textos que forman la segunda parte de la obra, con el propósito de indagar las principales temáticas abordadas y la forma de elaboración que el género asume bajo la pluma de José Carlos Freire. En suma, sin perder la ligereza y la aparente falta de pretensión típicas del género, estas crónicas de la pandemia trazan reflexiones bastante profundas sobre problemáticas sociales y cuestiones existenciales que afectaron a los brasileños en este período tan complicado de nuestra historia.

Palabras-clave: Crónica. Covid-19. Literatura. Filosofía.



INTRODUÇÃO

Entre o final de 2019 e o início de 2020, o mundo seria acometido por uma grave pandemia, que ficou conhecida como Covid-19. O vírus se propagou rapidamente e afetou drasticamente a vida humana em todo o planeta. Grandes impactos aconteceram em todos os setores da sociedade, como a economia, política, saúde, educação e principalmente nas relações sociais, gerando transtornos na vida pessoal de cada indivíduo.

Essa nova realidade e esse clima de insegurança sanitária tornaram-se assunto constante dos mais diversos veículos de comunicação. Além das inúmeras reportagens diárias da mídia, várias outras publicações de diversas áreas tomaram esse contexto como temática. Uma dessas publicações foi uma coletânea de crônicas publicadas por José Carlos Freire, com o título *Crônicas da pandemia* (2021). Na composição do volume, o autor reuniu, em sua primeira parte, textos mais antigos de sua autoria sobre assuntos diversos. Em sua segunda parte, foram recolhidos textos que o autor publicou originalmente no jornal *Diário da Tribuna*, produzido na cidade de Teófilo Otoni, no interior de Minas Gerais. Todos os textos da segunda parte tiveram por foco o contexto da pandemia ou situações e sentimentos humanos relacionados com essa nova rotina de vida imposta pela pandemia.

Assim, como metodologia de análise, este trabalho propõe, inicialmente, um levantamento das principais características do gênero crônica, com o intuito de analisar as tendências textuais e temáticas que as manifestações do cronista José Freire assumem na segunda parte da coletânea escolhida como objeto de estudo deste artigo. Os textos que compõem esse conjunto começaram a ser produzidos em 2020, no início da pandemia, e se estendem até o final de 2021. Portanto, pode-se observar que essa parte da coletânea faz uma cobertura cronológica desse período. Assim, considerando esse aspecto, optou-se também por uma leitura em ordem linear desse volume de crônicas. Portanto, nesse percurso de texto em texto, analisam-se as principais temáticas abordadas e a forma de elaboração que o gênero assume em cada uma de suas manifestações ao longo da obra.

2. AS CONVENÇÕES TEXTUAIS E TEMÁTICAS DO GÊNERO CRÔNICA

A palavra “crônica” tem origem grega, vem de “chronos”, e por isso mantém uma forte relação com o tempo e com os fatos do cotidiano. Assim, o escritor de crônicas está atento aos acontecimentos que marcam a vida mundana em um passado recente. No ensaio “Fragmentos sobre a crônica”, Davi Arrigucci (1987, p. 51) afirma que a palavra *crônica* tem



vários significados, mas todos implicam “a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego”. Assim, na visão do autor, a crônica é “uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo” (Idem, p. 51).

Desse modo, nos tempos medievais, a crônica encarregava-se, principalmente, de fazer o registro de eventos marcantes do meio social, contribuindo para a construção da memória histórica. Com o passar do tempo, essa forma textual foi assumindo outras tendências e características. No século XIX, a crônica começa a adentrar as colunas dos jornais e outros periódicos culturais. Nesse espaço, o gênero começaria a assumir aspectos genuinamente nacionais. Inicialmente, a crônica vai despontando entre as variedades que ocupam o espaço do folhetim, conforme expõe Antonio Candido:

[A crônica] não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível [...] Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, – políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje (Candido, 1998, p. 6-7).

A publicação de crônicas em jornais começou timidamente e foi ganhando espaço pela linguagem facilitada que empregava e pela cumplicidade que estabelecia com o leitor. Além disso, a amenidade do tom e a leveza do humor fizeram com que a crônica atravessasse os séculos e alcançasse cada vez mais popularidade. Assim, na segunda metade do século XIX, com o avanço da imprensa, a crônica foi se disseminando cada vez mais, sem, contudo, possuir uma definição unânime e definitiva.

Sendo um gênero bastante diverso, a crônica se aproxima de vários outros gêneros, como o relato de viagens, a reportagem, o artigo de opinião, o conto literário e outras variedades culturais e jornalísticas. Essa diversidade também se evidencia na sua linguagem, que tanto pode assumir uma feição mais séria e objetiva, como pode adotar um tom descontraído e humorístico. Assim, em meio à vida ordinária do cotidiano, a crônica elege um fato por vezes absolutamente corriqueiro, e por meio de uma linguagem expressivamente livre e criativa, com sua “composição solta” e um “ar de coisa sem necessidade” (Candido, 1984, p. 5), vai devassando os meandros mais sutis e inesperados da vida humana: “É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (Candido, 1992, p. 17-8).

Da forma amena e descontraída com que se registravam os relatos do cotidiano no século XIX, a crônica passou a assumir, nos séculos XX e XXI, uma forma mais aproximada do universo literário. A crônica tem sido considerada o gênero mais “tipicamente brasileiro” e foi se reinventando em conformidade com as modificações socioculturais da realidade local. Sua forma versátil e livre parece ter se ajustado de maneira bastante harmoniosa com o espírito brasileiro conforme demonstra Luís Augusto Fischer:

Tem mesmo algo particular na crônica brasileira, embora se possa encontrar gente escrevendo impressões pessoais em jornais e revistas mundo afora. Talvez seja o fato de a crônica ter-se constituído, ao longo da história, num gênero afinado com a informalidade brasileira, ter acolhido a língua cotidiana (Fischer *apud* Santos, 2013, p. 22).

No século XXI, com o advento das mídias digitais, o jornal impresso vai se tornando cada vez mais “um calhamaço tedioso”. As notícias passam a ser publicadas em tempo real por sites jornalísticos e redes sociais. Portanto, os impressos já não conseguem acompanhar o ritmo cada vez mais ágil da difusão das informações na contemporaneidade. Nesse novo cenário, a crônica revela novamente a sua extrema versatilidade e capacidade de adaptação aos novos meios de divulgação que vão surgindo no universo digital. Assim, os grandes cronistas começam a se afastar dos jornais tradicionais para ocupar o mundo digital dos blogs e sites.

Entretanto, apesar dessa expansão para o mundo digital e da variedade de formas e estilos que o gênero assume no decorrer de sua história, há uma questão crucial para o sucesso de um cronista: a empatia do leitor. Quer trate de assuntos amenos ou de sérios problemas sociais, quer assume um estilo mais descontraído ou uma elaboração mais literária, a crônica precisa, antes de tudo, ganhar a simpatia do seu leitor. Nesse sentido, as palavras da cronista Martha Medeiros indicam exatamente a importância dessa intimidade com o público-alvo:

Difícil conceituar, já que é um gênero que se expandiu muito e hoje absorve inúmeros estilos e formas. Cada autor personaliza a crônica seu modo. [...] A crônica pode tudo, é um espaço aberto onde seu titular estabelece um diálogo íntimo com o leitor, sem a necessidade de ser parcial ou conivente com a linha editorial do veículo. Essa liberdade é sedutora para quem escreve e para quem lê. [...] É uma benção ter conquistado a empatia do leitor e através dela manter essa minha atividade que, de um jeito meio caótico e surpreendente, deu tão certo (Medeiros *apud* Santos, 2013, p. 25)

Nessa mesma perspectiva, Affonso Romano de Sant’Anna, que acumula uma experiência de mais de cinquenta anos como cronista, afirma igualmente que qualquer assunto pode entrar na crônica: “É como no romance, no conto ou no poema. Qualquer assunto pode virar romance, conto ou poema”. Assim, “há cronistas que contam experiências pessoais, outros que contam piada, outros estorietas, outros fazem devaneios literários e há quem se



meta em diatribes políticas”. Contudo, apesar dessa extrema liberdade, Sant’Anna alerta também para o fato de que o cronista precisa ter responsabilidade, pois a crônica interfere na realidade como formadora de opinião: “O cronista é um jornalista a quem é permitido falar na primeira pessoa, mas seu “eu”, como na boa poesia, tem que ser de utilidade pública” (Sant’Anna *apud* Santos, 2013, p. 27).

Sant’Anna também faz uma importante diferenciação entre o trabalho do cronista e o de outros jornalistas, como o articulista, o colunista e o comentarista. Em sua opinião, “o cronista é metonímico: através de um detalhe ele fala do todo. O jornal noticia, o cronista interpreta o fato afetivamente e alegoricamente. O cronista olha pelo buraco da fechadura” (Sant’Anna *apud* Santos, 2013, p. 27).

3. AS CRÔNICAS DA PANDEMIA E SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Publicada em livro em dezembro de 2021, a coletânea *Crônicas da pandemia* reúne textos mais antigos que o autor remetia ao site Recanto das Letras, e um segundo conjunto de textos dedicados exclusivamente ao tema da pandemia, publicadas originalmente no *Diário Tribuna*. Lançado em 05 de agosto de 1969, na cidade de Teófilo Otoni, em Minas Gerais, o *Diário Tribuna* é um jornal de notícias, com periodicidade diária, que já ultrapassou a marca de 4 mil edições. Atualmente, seu editor responsável é o jornalista Wilmar Souza e Silva. Suas publicações dividem-se em seções temáticas. A primeira delas, intitulada “Cidade”, apresenta notícias locais de Teófilo Otoni. Em seguida, vem a seção “Gerais”, com notícias de interesse do país, especialmente de natureza política e econômica. Há também a seção de “Segurança Pública”, com notícias de ocorrências policiais, e seções fixas sobre política, educação, saúde e eventos jurídicos. Por fim, há a coluna de “Opinião”, com artigos sobre assuntos polêmicos da atualidade. Além dessas seções, anúncios publicitários se fazem presentes ao longo de todas as páginas do jornal.

As crônicas de José Carlos Freire foram publicadas na seção “Opinião” que, geralmente, inicia-se na quarta página do jornal. Em destaque, no topo da publicação, apresenta-se a foto do autor, com breve informação de sua formação acadêmica. José Carlos Freire é professor universitário junto Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), estando vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e Sociais. É graduado em Filosofia, pela Universidade de São Paulo (USP), e em Teologia pela Universidade Mackenzie de São Paulo.



José Carlos Freire também possui mestrado em Filosofia pela Faculdade de São Bento, em São Paulo, tendo desenvolvido sua dissertação sobre o tema “O conceito de Estado na Filosofia Política de Antônio Gramsci”. Freire cursou também um doutorado interdisciplinar na área de Ciências Humanas, junto à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), durante o qual elaborou a tese intitulada “Um país no labirinto: literatura e memória da ditadura no Brasil”.

Como se observa, José Carlos Freire possui uma formação acadêmica bastante ampla e diversificada, circulando entre as mais variadas áreas das Ciências Humanas, como Filosofia, Teologia, Sociologia, Política, História, Cultura e Literatura. Como reflexo dessa formação diversificada, as crônicas elaboradas por Freire exploram conhecimentos de todas essas áreas, especialmente da Filosofia e da Literatura, como o próprio autor menciona na Apresentação da obra:

A coletânea situa-se, portanto, no limiar entre o filosófico e o literário e está organizada em duas partes. Na primeira, aproveitei pequenas crônicas mais antigas, elaboradas em momentos distintos e que foram publicadas, originalmente, no site Recanto das Letras. Essa parte se encerra com uma crônica de transição, introduzindo o tema da pandemia. A segunda parte é composta pelo material publicado no Jornal Diário Tribuna (Freire, 2021, p. 13).

De acordo com o autor, a motivação para a escrita das crônicas teria sido a de propor uma reflexão filosófica sobre os impactos sociais, emocionais e econômicos provocados pela pandemia:

Sem nenhuma pretensão de teorizar sobre o contexto que enfrentávamos e, por isso, longe de propor respostas, o que pretendi foi, dentro das minhas possibilidades, levantar questões diversas que nos ajudassem a refletir sobre o significado de uma época tão complexa e marcante (Freire, 2021, p. 12).

A previsão do autor, assim como a da maioria das pessoas, era a de que pandemia teria uma curta duração e que o mundo voltasse à sua normalidade anterior ainda em 2020: “Infelizmente, o vírus avançou pelo ano de 2021 ceifando vidas, com o Brasil se apresentando como um dos piores exemplos para o mundo”. Nesse breve comentário, nota-se claramente o posicionamento crítico do autor em relação à forma como as autoridades governamentais conduziram o enfrentamento da pandemia.

Em outro momento da apresentação, o autor enfatiza os efeitos e consequências do descaso da gestão pública no combate ao coronavírus. Suas palavras destacam o clima de insegurança que se prolongou entre as pessoas, trazendo o medo, a agonia, o sofrimento e o horror da morte:

Há quase dois anos a sociedade brasileira tomava consciência da pandemia do coronavírus, sem saber onde tudo aquilo ia dar. A cada mês que passava, adiávamos



a previsão do término daquele horror de morte e sofrimento. Infelizmente ainda não saímos deste ciclo totalmente. À letalidade do vírus se juntaram a incompetência e o descaso na gestão da crise sanitária no nosso país, o que fez prolongar o sofrimento e a agonia de centenas de milhares de pessoas (Freire, 2021, p. 12).

Falar da pandemia e de suas consequências desastrosas à humanidade não é uma temática agradável a ninguém. No entanto, o autor insiste nessa necessidade, como forma de conscientizar as pessoas sobre os mais diversos impactos da pandemia: “Mesmo cansados, penso que ainda precisamos falar de pandemia um pouco mais. Por isso achei por bem compilar aquelas crônicas, juntando-as a outras mais antigas, na forma de livro” (Freire, 2021, p. 13).

Embora considere seus textos datados, o autor acredita que eles ainda possam ter alguma atualidade, afinal, “de certa maneira, parece que o ano de 2020, na verdade, não acabou...” (Idem, p. 13). Essa seria, então, a razão pela qual decidiu compilar as crônicas e republicá-las em livro, como forma de preservar a memória de um momento tão marcante da história da humanidade.

Além da preservação da memória histórica de um evento que afetou a vida em todo o planeta, o autor destaca também o excelente trabalho do ilustrador Vinicius Figueiredo, que se dispôs a “ilustrar de forma tão sensível cada uma das crônicas”. Em sua opinião, as “insuficiências do texto” estariam, assim, “compensadas pela beleza e profundidade das suas ilustrações” (Idem, p. 13).

Na primeira crônica do livro, intitulada “As rosas de Dona Penha”, Figueiredo ilustra o sofrimento que o cronista estampou, com palavras, no rosto de uma senhora que presenciou em um ônibus no trajeto da estação Eldorado para Esmeraldas: “O sofrimento expresso em seu rosto cansado era efeito de acontecimentos tristes e de uma coleção de lutas pela saúde do marido, a casa própria, o emprego [...]”. No entanto, apesar das dificuldades da vida, Dona Penha recusava o uso de medicamentos e outras soluções terapêuticas, pois encontrava nas rosas de seu jardim uma espécie de terapia, que pacificava as perturbações de seu dia a dia. Desse episódio singelo, o cronista extrai uma explicação para o mito do jardim do Éden: “No princípio era a beleza... mas um dia surgiu o teólogo que inventou o pecado, forjando um sentido negativo do texto. Encheu o mundo de medo e de culpa. Assim, matou o jardim” (Freire, 2021, p. 18-9).



Figura 2: “As rosas de Dona Penha”. Ilustração de Vinicius Figueiredo. Fonte: *Crônicas da pandemia* (Freire, 2021, p. 17).

Se as ilustrações trazem beleza e sensibilidade às páginas do livro, pode-se dizer que as crônicas, com suas reflexões filosóficas e literárias, introduziram também uma boa dose de emotividade às páginas frias de um jornal de notícias. Com seu olhar compadecido em relação às inúmeras vítimas da pandemia do Covid-19, o cronista revela a importância de se pensar filosoficamente a condição humana em contraposição ao universo indiferente e impassível das matérias jornalísticas, em que a dor humana, muitas vezes, é encarada simplesmente como uma temática estratégica para atrair a atenção do público-leitor:

A filosofia sempre se propôs a discutir o sentido dos acontecimentos, o que nem sempre é possível na abordagem jornalística à qual nos tornamos familiarizados. Tabelas, gráficos, estatísticas, tudo isso é crucial – ainda mais em tempos de negacionismo. Mas há sempre mais do que mostram os dados frios da realidade. É preciso ver além do que se vê. Se este livrinho contribuir com o leitor nessa direção, considerarei cumprido o seu modesto propósito. Ele nada mais visa do que fazer girar a palavra como forma de elaboração do horror. Ou, então, o silêncio em respeito a tantas famílias dilaceradas. Nesse caso, não um silêncio atônito, mas sim permeado de reflexão (Freire, 2021, p. 13).

Assim, com esse conjunto de crônicas sobre a pandemia, José Carlos Freire busca despertar uma reflexão filosófica a respeito desse momento que foi tão doloroso para tantas famílias brasileiras. Ao invés da frieza dos números divulgados diariamente pelos mais diversos jornais brasileiros, Freire se propõe a pensar sobre os efeitos da pandemia na vida das pessoas. No capítulo seguinte, serão analisadas as reflexões propostas por Freire em suas crônicas.

4. O PERCURSO DE LEITURA DAS *CRÔNICAS DA PANDEMIA*

A segunda parte do livro de José Carlos Freire, que trata especificamente do contexto da pandemia do coronavírus, é composta por um conjunto de onze textos. A primeira crônica apresenta reflexões filosóficas sobre o tempo. Com a pandemia, as pessoas passaram a ter muitas incertezas sobre o futuro, como sugere o título da crônica. Assim, na crônica “A pandemia e a incerteza sobre o futuro”, Freire cita o exemplo de Agostinho de Hipona, filósofo de origem africana, que viveu entre 354 e 430 da nossa era. Para o filósofo, não existe somente um tempo, mas três, que se dividem entre passado, presente e futuro. Para ele, o passado já foi e não volta mais. E o futuro ainda não se concretizou. Assim, na visão do filósofo, o futuro, como o passado, não existem. Resta apenas o “instante breve” do presente. Vivemos numa “transição contínua”, ou seja, o futuro, que ainda não existe, logo vira passado e deixa de existir novamente. Apesar disso, “o passado continua conosco” em forma de memória. E o futuro também, em forma de projeção. Mas o que existe de real é apenas o presente e por isso o filósofo recomenda: “viver o tempo presente sem apego ao passado e diminuindo ao máximo a ansiedade quanto ao futuro” (Freire, 2021, p. 50).

Após apresentar essa reflexão com base no filósofo Agostinho de Hipona, o cronista se pergunta: “Por que o tempo se torna um tema tão relevante diante da pandemia do coronavírus?”. A resposta agora é dada com base em uma referência literária, mostrando que Freire entende a crônica como gênero heterogêneo, como propõe Arrigucci (1987) combinando fantasia, fatos históricos e reflexões filosóficas. A citação literária trazida por Freire é a obra de João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, que diz que “viver é muito perigoso”. Assim, Freire afirma que a pandemia fez as pessoas tomarem consciência daquilo que já deveria ser óbvio: de que a vida é “frágil, passageira e incerta” (idem, p. 50).

Se a vida é passageira, cabe a cada um de nós valorizar o essencial e cuidar de nosso “aperfeiçoamento pessoal e coletivo”. Mas como fazer isso em plena pandemia? Nem todas as pessoas tiveram a possibilidade de preservar suas vidas no conforto de suas casas. A maioria teve de continuar a arriscar a própria vida na luta pela sobrevivência. Essa luta que no Brasil já é angustiante passou a ter também o medo da contaminação e da morte. Portanto, na opinião do cronista, o Brasil, por não ter superado as “marcas históricas da herança colonial”, fez com os efeitos da pandemia se tornassem mais graves por conta da desigualdade social e da falta de oportunidades para a população mais pobre.

[...] o Brasil é um país em que o passado insiste em se reatualizar constantemente. Mudando um pouco os termos de Agostinho, é como se em nosso país não existisse presente e nem futuro, apenas o passado revisitado. Condições de vida de antes se



repetem; doenças antiquíssimas reaparecem; práticas políticas que imaginamos superadas ressurgem. Os exemplos seriam inumeráveis (Freire, 2021, p. 52).

Assim, a pandemia fez do Brasil “um salve-se quem puder”. As pessoas acompanharam horrorizadas as reportagens diárias com um número cada vez maior de mortos. A tragédia da pandemia agravou ainda mais as diversas outras tragédias vividas todos os dias pelos brasileiros, como a falta de bem-estar e a insegurança alimentar. Direitos mínimos como saúde, educação e moradia faltam para boa parte da população. E com esse clima de desolação, o cronista conclui sua crônica com uma expressão de desencanto, em tom de crítica social: “Nessa lógica do mal menor, não há projeção sobre o futuro que possa ser feita. Ele está interdito. O presente se consome todo na exaustiva luta contra os fantasmas do passado” (Idem, p. 53).

Na crônica seguinte, intitulada “A gente se acostuma”, o cronista continua nesse tom de crítica social. Já no primeiro parágrafo, Freire cita uma informação do noticiário recente de que houve um “aumento da fortuna dos brasileiros que possuem mais de um bilhão em patrimônio”. Além do horror da pandemia, o brasileiro agora teria de conviver com uma realidade social cada vez mais desigual e injusta.

Para refletir sobre essa questão, o cronista novamente faz uma referência literária. Desta vez, cita o programa “Provocações”, da TV Cultura, em que Antonio Abujamra costumava declamar poemas. Freire relembra a declamação do poema “Eu sei, mas não devia”, de Marina Colasanti. O poema propõe uma “desnaturalização” em relação a situações com as quais “a gente se acostuma demais. Com tudo o que é mais desumanizador e perverso, com tudo o que é aberrante” (Idem, p. 56). Para o autor, não se pode aceitar com naturalidade que o jornalismo trate desse aumento da fortuna dos bilionários sem nenhum senso crítico. Afinal, “para que haja bilionários, é necessário que haja miseráveis”. Portanto, não podemos naturalizar aquilo que é injustificável:

[...] a desigualdade econômica é um processo construído socialmente e não um fenômeno da natureza. É preciso, portanto, espantar essa ladainha diuturna que nos é imposta, segundo a qual é natural que haja – numa mesma comunidade, cidade ou país – bilionários e miseráveis (Freire, 2021, p. 57).

Com essas reflexões, o cronista finaliza seu texto sem mencionar o conteúdo do poema de Marina Colasanti. Mas convida o leitor a pesquisá-lo e fazer a leitura para que a gente não se acostume demais com situações que não deveriam ser naturalizadas em nossa sociedade.

No título da terceira crônica da coletânea, o cronista faz um convite ao leitor: “E se voltássemos a escrever cartas?”. Esse velho hábito se perdeu no tempo e hoje já não faz mais sentido, com tantas tecnologias comunicativas. Mas esse velho costume tinha algo muito



especial, como nos mostra o cronista: “Falo do processo, do tempo que se gastava em conceber uma carta, por vezes um rascunho até chegar à escrita, o que supunha uma imersão afetiva” (Idem, p. 60).

Para exemplificar a importância desse antigo costume, Freire novamente faz uma citação literária. Desta vez, cita Rubem Alves, que descreve o efeito mágico que uma carta produzia no seu destinatário: “aquela folha de papel, ao ser lida, acabava por unir mãos que estavam distantes. O capricho dos enamorados em colocar uma pétala de flor ou então borrifar perfume no papel elevava essa união a um plano mágico”.

Embora pareça antiquado, para o cronista, a carta representaria o exercício do diálogo. Mas, na atualidade, vive-se “um empobrecimento da arte comunicativa”. Já não há paciência para textos. Mesmo uma invenção recente, como o e-mail, já está ficando “obsoleto”. O áudio já tem também as suas restrições: “não pode passar de trinta, quarenta segundos”. Assim, o cronista conclui que a sua impressão é a de “que quanto mais ferramentas temos, menos falamos”. E finaliza sua crônica com mais uma citação literária, desta vez de Fernando Pessoa, que dizia serem ridículas as cartas de amor. Mas, “mais ridículas seriam, para ele, as pessoas que nunca as escreveram” (Freire, 2021, p. 63).

Como se observa, essa crônica de José Carlos Freire se ajusta bem à definição que Antonio Candido faz do gênero:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque ela elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado (Candido, 1992, p. 13-4).

Com seu tom desprentensioso, abordando assuntos singelos do dia a dia, Freire vai filosofando a vida e conduzindo reflexões sobre o sentido da existência, as transformações do mundo moderno e os efeitos da pandemia em nossas vivências cotidianas. Não é diferente a crônica seguinte da coletânea, que trata de um sentimento que a pandemia intensificou muito: a saudade. Em plena pandemia, pensar sobre esse sentimento se tornou algo diferente. Nas palavras do autor, tornou-se: “uma espécie de vazio, uma certeza incômoda de incompletude do encontro, de impossibilidade de afeto”.

O cronista inicia seu texto com o tom desprentensioso de uma conversa trivial, mas em alguns parágrafos depois aprofunda a discussão, resgatando nossas raízes históricas para tratar da saudade. Em primeiro lugar, destaca a origem ibérica do termo, que é uma expressão própria da cultura lusitana, sendo difícil de traduzir a palavra para outros idiomas. Em



seguida, o autor menciona que “esse sentimento lusitano se mistura com outras manifestações que nos compõem a identidade”. E cita alguns episódios marcantes da nossa colonização, como a perda da terra dos africanos trazidos para cá como escravos, que “nos legou um buraco na alma, uma saga que não se cura”. Cita também a invasão das terras dos povos originários, que foram “desterrados em sua própria terra” e “perderam sua raiz, sua simbiose com a natureza” (Freire, 2021, p. 66).

Para amenizar as reflexões sobre o “lado sociológico da saudade”, o cronista apresenta mais uma vez algumas referências literárias, como Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, que em seu poema “Aniversário”, descreve as lembranças de um “passado roubado”. Em seguida, cita também o compositor cubano Pablo Milanés, que associa o sentimento de saudade à solidão: “A solidão é um pássaro grande e multicolorido que já não tem asas para voar e a cada nova tentativa sente mais dor”.

Para concluir sua crônica, o autor menciona também a insensibilidade dos tempos modernos e os absurdos propagados por algumas figuras públicas. Embora não cite nomes, fica evidente uma crítica política ao governo de Jair Bolsonaro nas entrelinhas de seu texto:

No contexto de hoje, ao invés de menosprezar ou ridicularizar a situação da pandemia, deveriam tais figuras se calar em respeito a todos que sofrem e que se angustiam com a própria doença, o desemprego, a falta de grana, a perda de horizontes, a interrupção de sonhos. Se não isso, ao menos a dignidade de respeitar a memória dos que morreram em razão da pandemia e a dor dos seus parentes (Freire, 2021, p. 67).

Com a sutileza típica do gênero crônica, o autor faz as suas considerações críticas de um modo indireto, sem nomear declaradamente os seus alvos. Mas quem vivenciou o contexto da pandemia no Brasil e acompanhou as declarações negacionistas de toda a equipe política, identifica logo os alvos das críticas do autor, que ao final busca combater o negacionismo e a insensibilidade que tomaram conta do país nesse período: “Contra a insensibilidade, a empatia. Contra a imbecilidade, a compaixão” (idem, p. 68).

O negacionismo também será tema da crônica seguinte, que tem como título “Em defesa da ciência”. O cronista inicia seu texto falando dos espantosos avanços da tecnologia nas últimas quatro décadas. Mas, apesar desse progresso, é preciso considerar também o papel do senso comum, que é “atravessado por interesses, preconceitos, juízos de valor” e, muitas vezes, atua em desfavor desses avanços. Assim, enquanto “a opinião é livre e descompromissada, a ciência persegue a verdade com rigor”. A ciência permite que qualquer processo ou instrumento desenvolvido seja testado, aperfeiçoado e reproduzido. Já no campo da mera opinião, “ficamos ao sabor da sorte e do acaso”.



Apesar disso, o autor afirma que não se pode fazer uma “apologia cega” à ciência, já que ela também “está condicionada por fatores econômicos, políticos e sociais”. Contudo, ignorar sua tradição e seus avanços, ainda mais um momento de extrema emergência sanitária, é algo muito inapropriado e com consequências trágicas. Assim, apesar dos limites e contradições que a ciência possa apresentar ao longo da história, o autor afirma que é “o que temos de mais apropriado para discutir saúde pública”, sobretudo se considerarmos a “finalidade social” que a ciência desempenha nesse setor.

A falta de filtro em relação à enxurrada de informações que recebemos diariamente fez com que as pessoas propagassem uma imensidão de notícias falsas sobre as formas de prevenção da pandemia. Isso fez com que fossem colocados em dúvida “quinhentos anos de tradição de pesquisa e de controle de medicamentos, de vacinas e de procedimentos, entre outras coisas” (Freire, 2021, p. 71).

Para finalizar sua crônica, o escritor recorre, desta vez, a uma referência filosófica, citando Sócrates, para quem “a sabedoria não consiste em posse da verdade, mas sim em reconhecer a própria ignorância e, por isso, lutar constantemente para superar as falsas opiniões”. Com base nas palavras de Sócrates, o cronista comenta que figuras políticas e religiosas se impuseram contra a ciência, assim como outrora se impuseram contra o filósofo, pois queriam “manter o prestígio social e o poder político, por isso combatiam a reflexão crítica, base da ciência” (Idem, p. 73).

A crônica seguinte tem seu início motivado por um sonho da filha do cronista, que sonhou só ter mais um dia de vida. Questionada pelo pai sobre o que faria nessas últimas horas de vida, a criança respondeu que gostaria de “brincar e tomar sorvete”. A partir do sonho da filha, o cronista inicia uma reflexão sobre a felicidade e cita o poema “Hospedaria”, de Mário Quintana: “Esta vida é uma estranha hospedaria, / de onde se parte quase sempre às tontas, / pois nunca as nossas malas estão prontas/ e a nossa conta nunca está em dia” (Quintana *apud* Freire, 2021, p. 75).

Com o título “A felicidade”, a crônica se propõe a refletir sobre três referenciais ligados à ideia de felicidade: o pertencimento a uma coletividade, a preparação para uma vida futura e a autonomia do indivíduo. De acordo com o cronista, esses três referenciais “nos atravessam o tempo todo” e muitas vezes se articulam um ao outro, gerando contradições e dilemas:

se pertencemos muito fortemente a algo, sentimos falta de liberdade; se nos tornamos muito autônomos e independentes, falta-nos a coletividade; se apostamos muito na preparação para a felicidade lá na frente, ficamos insatisfeitos por não a experimentar minimamente agora; se investimos em um projeto de felicidade



imediate, temos dúvida se o fazemos sozinhos ou em grupo. Enfim, a angústia segue. Tal estado de felicidade parece inatingível (Freire, 2021, p. 77).

Sem apresentar uma solução para esse impasse, o cronista finaliza a crônica provocando a reflexão do leitor, perguntando o que faria se, como sua filha, só lhe restasse um único dia de vida. A crônica seguinte, que se intitula “A felicidade – II”, continua a reflexão sobre esse mesmo assunto e propõe outros referenciais para se alcançar esse tão ambicionado estado de felicidade. Em primeiro lugar, o cronista sugere “o ideal de vida comunitária alternativa”, que seria uma maneira de fugir à lógica competitiva do capitalismo e “forjar uma vida saudável e solidária”. Para ilustrar essa proposta, o cronista cita a música “Balada do Louco”, de Arnaldo Baptista e Rita Lee: “Dizem que sou louco por pensar assim./ Se eu sou muito louco por eu ser feliz/ mais louco é quem me diz e não é feliz”.

Além da referência musical, o cronista cita outros exemplos do mundo medieval, como os seguidores “mendicantes” de Domingos Gusmão e Francisco de Assis, que cultivavam valores tais como: “o desapego de riquezas e honrarias; o cultivo da fraternidade; a contemplação da natureza como coirmã do humano; e aquilo que, sem dúvida, era o mais profético: num tempo de pessoas sisudas e de pregações ameaçadoras, Francisco falava da alegria de viver” (Freire, 2021, p. 81).

Outro exemplo de uma filosofia de vida desprendida da ambição material seria a dos epicuristas, que buscavam “o cultivo das coisas simples, a valorização da amizade, a consideração do sofrimento e da dor como inerentes à vida”. Além dessas práticas, recomendavam também a dedicação à filosofia, que seria uma forma de preservar “a saúde do espírito” por meio do “caráter terapêutico do conhecimento”.

Para o epicurismo a vida pode se tornar prazerosa. Não por ser um mar de rosas e perfeita, pois ela continua difícil e complicada, mas nossa postura diante dela se modifica: passamos a experimentar os momentos bons com mais profundidade e os momentos difíceis com maior serenidade. Assim, nosso ânimo fica predisposto a aproveitar os períodos de prosperidade, alegria e saúde, da mesma maneira como nos preparamos, sem ansiedade, para as fases de dificuldade, tristeza e doença. Isso tudo cercado de boas amizades e meditação (Freire, 2021, p. 83).

Como se observa, a forma de vida trazida pelo capitalismo, marcada pela competição e pela busca constante pela acumulação de capital, torna o ser humano escravo de um ritmo de vida que o afasta das condições que poderia lhe proporcionar um sentimento de satisfação e felicidade.

Na crônica seguinte, motivado por lembranças da infância em que precisou reconhecer os limites de um singelo cata-vento que inventou, o autor se propõe a discutir “Os limites”, como indica o título de seu texto. Assuntos triviais são sempre a motivação para a reflexão do



cronista que vai aprofundando a análise e discutindo o sentido da vida e a influência das estruturas sociais sobre o ser humano. Assim, nessa crônica, o autor discute a importância de se fazer aquilo que lhe é próprio, ou, nas palavras de Nietzsche: “tornar-se o que se é”.

Para refletir sobre essa questão, cita o exemplo de Sancho Pança, que, após ser nomeado governador da ilha Baratária, avalia as dificuldades e reconhece seus limites: “Não nasci para ser governador, nem para defender ilhas ou cidades contra inimigos que as queiram assaltar. Melhor entendo eu de arar e cavar, podar e plantar as vinhas, que de fazer leis ou defender províncias e reinos” (Cervantes *apud* Freire, 2021, p. 87). E assim o cronista finaliza seu texto alertando o leitor de que esse reconhecimento não é uma fraqueza, nem se trata de abandonar sonhos e desejos, mas de “conhecer-se melhor e reconhecer os limites”.

O sentido da vida, a razão de ser das coisas e outras inquietações sempre foram reflexões próprias da filosofia. Mas o cronista admite que, muitas vezes, “os textos literários chegam mais rápido, sem desvios, a verdades que o filósofo demora a alcançar”. Essa é a motivação do início da crônica seguinte, que tem por título “A transitoriedade”, e cita já na primeira linha do texto um poema de Paulo Leminski: “Um dia sobre nós também / vai cair o esquecimento / como a chuva no telhado...”.

Em um período tão emblemático da história da humanidade, marcado por uma das pandemias mais trágicas da história, é natural que assuntos como doença, finitude e morte ocupem a nossa preocupação. Para tratar disso, o cronista compara duas formas diferentes de celebrar o dia de finados: a cristã, que é marcada pela comoção, e a dos povos originários do México, que festejam o dia com muita comida, música e encenações. Ou seja, “não cultivam a tristeza, mas a beleza de viver”.

Embora todos almejem a eternidade, um dia nosso tempo acabará e só existiremos na memória daqueles que permanecerem, até cairmos finalmente no completo esquecimento. A esse respeito, o cronista destaca o papel da filosofia no sentido de fazer “a crítica das ideias religiosas, sobretudo quando estas se mostram incompatíveis com princípios humanitários fundamentais”. Em função de certas crenças religiosas, a noção de eternidade tomou conta das expectativas humanas. Busca-se sempre um(a) companheiro(a) para a vida inteira e a ideia de ser felizes para sempre tornou-se um clichê repetido por filmes e novelas. Mas o cronista alerta que essa expectativa não condiz com a realidade: “Em nossa jornada vamos experimentando inúmeros fechamentos de ciclo, um após outro; o que ontem parecia eterno hoje é página virada. É o ofício do tempo”. Para ilustrar essa transitoriedade da vida, nada melhor do que lembrar os versos de Vinicius de Moraes, em seu “Soneto de fidelidade”,



citado pelo cronista: a expressão “que seja infinito enquanto dure” demonstra claramente que “tudo que está sob o sol é passageiro”.

Na penúltima crônica do livro, o autor aborda outro sentimento humano que se intensificou muito durante a pandemia: “O medo”. A motivação para o assunto é novamente uma questão trivial: a formação de uma tempestade, que o cronista apreciou com um misto de admiração e medo. Em sua visão, esse último sentimento, que o acompanha desde a infância, estava mais forte agora por conta da “experiência da paternidade”, que passou a acrescentar também a preocupação com a segurança dos filhos.

Além disso, o cronista destaca também o efeito da pandemia, que aumentou a ansiedade e trouxe muitas doenças mentais por conta da insegurança geral que as pessoas passaram a sentir. Para refletir sobre essa questão, o autor recorre a dois pensadores contemporâneos, o polonês Zygmunt Bauman e o uruguaio Eduardo Galeano. O primeiro, autor da famosa expressão “modernidade líquida”, afirma que o temor diante da violência, das catástrofes, das epidemias e das guerras gera “uma busca insólita por segurança, por sofisticação, por prolongamento da vida”. Já o pensador uruguaio demonstra o quanto o medo restringe nossos desejos: “O medo ameaça: se você ama, terá AIDS; se fuma, terá câncer; se respira, terá poluição; se bebe, sofrerá acidentes; se come, terá colesterol; se fala, terá desemprego; se caminha, terá violência; se pensa, terá angústia; se duvida, terá loucura; se sente, terá solidão” (Freire, 2021, p. 96-7).

Com base nessas reflexões, o cronista conclui que a pandemia não criou um sentimento de medo, mas o intensificou ao juntar o temor ao vírus com outros que já tínhamos: “Os medos vão se empilhando”. Mas, por outro lado, saber que o ser humano já superou inúmeras situações trágicas e ameaçadoras, nos ajuda a enfrentar nossos medos: “Saber disso não apaga nosso medo quanto ao futuro, mas nos ajuda a elaborá-lo melhor” (Freire, 2021, p. 97).

E assim chegamos, por fim, à última crônica do livro, que finaliza também o percurso do autor ao longo da pandemia. Com seu último texto, intitulado “A esperança”, o cronista fecha também o seu percurso pelo ano de 2021. Em tom de retrospectiva, destaca os principais eventos que marcaram esse ano difícil e extenuante: “Perdas de pessoas queridas, dificuldades diversas, angústia, medo”. Mas ao invés de tratar desses sentimentos negativos, o cronista escolhe encerrar sua obra com um assunto mais agradável.

O final do ano costuma ser marcado por uma série de projeções e desejos: “traçamos planos, fazemos uma lista de coisas para o ano seguinte, prometemos mudanças”. Nossas redes sociais são inundadas de mensagens positivas e votos de felicidades. E num contexto de



pós-pandemia, isso se tornou ainda mais expressivo: espera-se muito por “um novo tempo”. Mas a pandemia mudou tanto a vida das pessoas que já não sabemos o que esperar desses novos tempos que estão por vir.

Para refletir sobre essas incertezas, o cronista faz referência a um poema de Adélia Prado, que fala da fome como um sentimento dúbio que nunca se satisfaz totalmente: “Quarenta anos: não quero faca nem queijo. Quero a fome”. E assim constata que “nós desejamos o desejo...”. Esse desejo, segundo filósofo holandês Baruch Spinoza, “não é o mero anseio por algo ou alguém, mas sim um impulso constitutivo de nosso ser para sua conservação ou crescimento”. É nesse sentido que o cronista afirma que a esperança é “uma forma de alegria”, que é antecipada em nossa imaginação e por isso é também muito frágil: “se for reduzida à mera espera passiva, a um estado de expectativa pura e simples, a esperança se transforma em lenitivo, em alívio apaziguador do presente por meio de uma projeção imaginária”. Assim, a mensagem final do cronista aos seus leitores é um convite para que a esperança seja transformada em postura ativa. Nessa perspectiva, a esperança se torna uma energia que “nos potencializa, nos motiva a abrir caminhos e nos coloca em movimento”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar ao longo desse percurso de leitura, as crônicas de José Carlos Freire se afirmam, conforme a definição de Arrigucci (1987, p. 51) como “uma forma do tempo e da memória”. Por meio delas, o autor faz um importante registro dos efeitos da pandemia na vida cotidiana e desenvolve um conjunto de reflexões, combinando filosofia e literatura, sobre os sentimentos humanos que estiveram mais à flor da pele nesse período tão complicado de nossa história. Portanto, a formação plural do autor determina as marcas peculiares que o cronista buscou imprimir em seus textos. Com uma abordagem claramente metonímica, as crônicas de José Carlos Freire cumprem com a sugestão de Affonso Romano Sant’Anna ao olhar pelo “buraco da fechadura” e, através de pequenos detalhes, conduzir o leitor a reflexões mais aprofundadas sobre problemáticas sociais e questões existenciais.

Como uma tendência típica da crônica moderna e contemporânea, os textos de José Carlos Freire se apresentam ao leitor como uma conversa amena e despretensiosa. Assuntos banais do dia a dia são geralmente a motivação inicial de suas produções. Mas de maneira sutil as crônicas vão se encaminhando para reflexões mais sérias, que buscam identificar as raízes históricas e estruturais que resultaram nas problemáticas sociais discutidas ao longo da coletânea. Em suas discretas observações pelo “buraco da fechadura”, o cronista vai



explorando, sempre com muita leveza, mas também com bastante profundidade, tanto os dilemas existenciais do ser humano, quanto os impasses e contradições da vida em sociedade.

Portanto, pode-se concluir que, apesar da longa trajetória do gênero, a crônica continua sendo uma forma textual bastante versátil, cuja leveza e brevidade se ajustam muito bem ao gosto dos leitores de nosso tempo. Além disso, sua feição aparentemente descompromissada continua sendo apenas uma estratégia para conquistar a empatia do leitor, pois na sua essência a crônica devassa os meandros mais sutis e inesperados da vida humana.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., David. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e Comentário: Ensaios sobre Literatura e Experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984. v. 5.

DIÁRIO DA TRIBUNA. Teófilo Otoni, Minas Gerais, 1969-2025.

FREIRE, José Carlos. **Crônicas da pandemia**. Teófilo Otoni-MG: UFVJM, 2021.

SANTOS, Márcio Renato dos. As facetas da crônica no século XXI. **Cândido: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**. Curitiba, n. 19, fev. 2013, p. 21-25.

_____. O cronista olha pelo buraco da fechadura. Entrevista com Affonso Romano de Sant'Anna. **Cândido: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**. Curitiba, n. 19, fev. 2013, p. 26-29.

Recebido em: 13/10/2025 Aprovado em: 06/11/2025
--